

## **A reportagem na construção de sentidos da humanidade complexa<sup>1</sup>**

Criselli Montipó<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

### **Resumo**

A complexidade humana norteia a produção jornalística e gera sentidos compartilhados. Entretanto, dependendo da abordagem, a mídia estereotipa, gera preconceito. Este artigo busca refletir sobre as origens do pensamento cartesiano e dos princípios funcional-positivistas que pairam sobre as redações. Também demonstra a produção de reportagens que podem ampliar essas visões de mundo. Por meio da análise pragmática da narrativa jornalística, procura observar como o repórter pode conduzir pautas polêmicas sem pré-julgar.

### **Palavras-chave**

Fundamentos do Jornalismo; Narrativa jornalística; Reportagem; Construção de sentidos.

### **1. Repórteres da atualidade: herdeiros de uma visão de mundo da Era Medieval**

O jornalismo – como é conhecido atualmente – é resultado de processos socioculturais, já que surgiu do desenvolvimento ocorrido na Europa desde o século XVII. Entre o século XVIII e a primeira metade do século XIX a imprensa foi essencialmente opinativa e partidária. A partir da Revolução Industrial, o fazer jornalístico artesanal tornou-se parte da Indústria Cultural já que passou a integrar o sistema capitalista, pois começou a ser produzido por empresas profissionalizadas, mantidas e movidas por interesses comerciais. No século XX, um vertiginoso progresso acolheu o jornalismo. Entre os fatos mais relevantes elencados por Sousa (2008) está a multipolarização, a globalização e a mídia eletrônica (rádio, TV e internet). Desde então, o jornalismo online tem se transformado constantemente, frente ao dinamismo de seu suporte, já que a internet possibilita reunir imagem, texto, som, foto e vídeo em um só lugar e, ainda, em tempo real. Neste cenário surgem novos desafios ao jornalismo que se torna cada vez mais segmentado e competitivo. Mas é também neste ambiente que o jornalismo se reafirma como agente promotor das liberdades (individual e de expressão) e dotado de grande capacidade para

---

1 Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Jornalista especialista em Didática e Docência no Ensino Superior e mestranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; e-mail criselli@gmail.com.

manter a sociedade vigilante de seus atos, pois exerce a responsabilidade de ser o mediador do espaço público.

É a atividade jornalística que, nos processos sociais, ajuda a promover a difusão da cultura, dos valores e dos sentidos compartilhados (ou não) nas comunidades, nas nações e no mundo, de forma geral. As pessoas precisam de informações para orientar suas vidas e isso se acentua na complexidade contemporânea, segundo Medina (2008). Por isso, o fazer jornalístico deve corresponder ao ritmo social: entre seus princípios está acompanhar as ações humanas através do tempo, sintetizar e socializar o conhecimento de outras áreas, e promover a mediação simbólica do mundo por meio das palavras e significados, conforme lembra Beltrão (2006). Desta forma, o jornalismo tornou-se essencial às relações humanas. Passou a exercer um papel importante na representação do outro, por meio de seus diversos gêneros e formatos.

Como agente difusor da memória coletiva de saberes e relatos, o jornalismo possui muitas obrigações para com seu público: deve atentar para sua dimensão socializadora, para seu protagonismo na gestão do ócio das pessoas, para sua função educativa e para o exercício da cidadania, como lembram Fontcuberta e Borrat (2006). A complexidade do mecanismo social (inseguranças e crises, propagação de culturas, concentração de massas) reforçou a necessidade de uma informação que abarque todos os acontecimentos da atualidade, porque se supõe que tenham uma influência direta sobre a vida coletiva ou pessoal de toda a humanidade.

Kovach e Rosenstiel, em *Elementos do Jornalismo* (2004), ressaltam que a primeira responsabilidade dos jornalistas é com a manutenção da cidadania: “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (p. 31). Entre os elementos elencados pelos autores, também destacam que o jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público, além de empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante, de forma compreensível e proporcional, atuando como um monitor independente do poder. Afinal, os cidadãos buscam informações que satisfazem um impulso humano básico.

O papel do jornalista na contemporaneidade, diante de tantas assimetrias e preconceitos, exige muito mais do que técnicas e transcende o respeito à ética profissional: é postura diante da vida, é visão de mundo. Entretanto, muitos repórteres não se dão conta de que, ao longo de seu desenvolvimento, o jornalismo incorporou sistemas de valores de racionalidade e eficiência que culminaram nos moldes de fabricação capitalista

intensificados na contemporaneidade. Este pensamento vigente se traduz nas redações na forma de padronizações de procedimentos, na simplificação do humano e produziu modelos praticados até hoje, como lembra Medina (2008). Tal visão de mundo teve como ponto forte as mudanças ocorridas no pensamento europeu dos séculos 16 e 17. Capra (1993) lembra que antes de 1500, a visão de mundo dominante na Europa era orgânica, como na maioria das civilizações.

As pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, caracterizadas pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade. A estrutura científica dessa visão de mundo orgânica assentava em duas autoridades: Aristóteles e a Igreja (CAPRA, 1993, p. 49).

No entanto, essa perspectiva de universo mudou radicalmente e foi substituída pela ideia de um mundo como máquina. Capra lembra que essa mudança foi ocasionada por pensamentos revolucionários na física e na astronomia, com realizações de expoentes como Bacon, Copérnico, Galileu e Newton. A descrição matemática da natureza (propriedades materiais como formas, quantidades e movimentos) foi a característica dominante da ciência nesta época e está presente nos critérios das teorias científicas da atualidade. De acordo com esse pensamento, “outras propriedades como som, cor, sabor ou cheiro, eram meramente projeções mentais subjetivas que deveriam ser excluídas do domínio da ciência” (Capra, 1993, p. 51).

René Descartes (1589-1610), também exerceu influência neste sentido, já que defendeu que tudo deve ser fragmentado para que possa ser tratado isoladamente. Percebe-se aí, uma evidente separação entre sujeito e objeto, que pode ser percebida em diversas áreas na atualidade: na biologia, na medicina e no jornalismo. É a ideia do homem-máquina, uma concepção mecanicista que vê os seres humanos constituídos por partes, em que mente e corpo estão separados.

Medina (2008) lembra também que Auguste Comte (1798-1857) – que sistematizou o positivismo criado por Claude Henri de Rouvroy – 1760-1825) – propôs que o estado positivo é um "regime definitivo da razão em que a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais" (2008, p. 18).

A autora defende que o método cartesiano e os princípios funcional-positivistas inscritos na Modernidade impulsionaram práticas que incentivaram a separação entre o que

é subjetivo e objetivo, priorizando este último nos relatos jornalísticos. Com isso, diminuí-se as possibilidades de contextualização e, portanto, de humanização dos fatos narrados. A partir da adoção deste modo de fazer jornalístico, a complexidade da vida humana passou a ser reduzida à instantaneidade informativa que nem sempre consegue captar elementos que auxiliem o público receptor na tarefa de conhecer, mesmo que em parte, a realidade da qual integra.

Morin (2006) destaca que o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjugação do uno e do múltiplo. “Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade” (p. 12). Para o autor, esta é a inteligência cega, que destrói conjuntos e totalidades.

Infelizmente, pela visão mutiladora e unidimensional, paga-se bem caro nos fenômenos humanos: a mutilação corta a carne, verte o sangue, expande o sofrimento. A incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduz a infinitas tragédias e nos conduz à tragédia suprema. (MORIN, 2006, p. 13)

Tal visão se reflete nas redações e nega o contexto e a pluralidade, prioriza as partes ao invés de conceber o todo. A pretensa obrigação jornalística de mostrar a realidade acaba por evidenciar apenas fragmentos das realidades, ora carregados de pré-julgamentos.

## **2. Jornalismo, necessidade de informação e construção de sentidos**

A complexidade do mecanismo social reforçou a necessidade de informações e ampliou a responsabilidade dos jornalistas. Afinal, as pessoas têm uma necessidade intrínseca – um instinto, como destacam Kovach e Rosenstiel (2004) – de saber o que acontece além de sua própria experiência direta. “Assim, estarmos a par de fatos que não podemos ver por nossa própria conta cria uma sensação de segurança, de controle, de confiança” (p. 17). É importante lembrar que o cotidiano, abordado pela narrativa jornalística, deve compreender os diversos ângulos da realidade. Tal relato tem como pressuposto ser plural e democrático, pois pretende ser o espaço compartilhado para o qual os diferentes sujeitos sociais projetam seus discursos.

Por outro lado, é preciso lembrar que a produção jornalística não é neutra, mas carregada de sentidos atribuídos pela empresa jornalística, pelos jornalistas, suas fontes ou, ainda, condicionantes externas, como a política e a economia. Traquina já questionou:

"Afinal, qual é o papel do jornalismo na sociedade – um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do *status quo*?" (2005, p.145). Ou seja, o relato jornalístico da atualidade é capaz de demonstrar a complexidade humana em sua totalidade?

Neste aspecto é preciso salientar que o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis – portanto, *fazeres* combinados com intenções, como já mencionou Chaparro (1994). A produção jornalística resulta de um processo de construção onde estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos. É resultado de um mosaico de processos, vozes e estilos que obedece aos mesmos moldes da existência que busca retratar: a complexidade do mecanismo social.

Assim, a lógica científico-industrial é uma tendência crescente no jornalismo e uma das responsáveis por simplificar a ação dos sujeitos, muitas vezes proliferando preconceitos e posicionamentos intolerantes ao invés de informação. Aliás, o jornalismo não fornece apenas informação, também oferece sentidos.

O texto, visto em si mesmo, é uma configuração expressiva, que produz sentidos que se referem a fatos reais, a fatos imaginários ou não se referem absolutamente a fatos. O seu efeito é o sentido. Já o texto, visto como fato ou parte de um fato, não é mais apenas uma configuração expressiva, mas desenvolve essa sua potencialidade inevitável tornando-se também e sobretudo uma configuração pragmática, um ente que, ao produzir sentido, produz também um efeito prático, como todos os outros objetos e agentes inseridos na interrelação fatural. (GOMES, 2009, p. 33)

Tais sentidos de um mundo complexo e diversificado podem ser trazidos a partir de técnicas e posturas jornalísticas que não recusem as características humanas em sua totalidade, não neguem os sujeitos, que são, ao mesmo tempo, únicos e plurais. Temas polêmicos ligados às diferenças entre classes sociais, éticas e de gênero, por exemplo, podem atribuir sentidos que gerem exclusão, se o repórter abordar o assunto de forma tendenciosa. Ao invés disso, se a narrativa jornalística consegue captar aquilo que une um ser ao outro e também o que o diferencia de seu semelhante, está mais próxima de um ideal democrático de jornalismo.

Diante disso, a responsabilidade atribuída ao exercício jornalístico na atualidade ganha uma dimensão ampliada, visto que as sociedades contemporâneas são ainda mais plurais, complexas e diversificadas. Estão cada vez em maior contato, já que suas relações humanas são intensificadas a partir das novas necessidades profissionais e pessoais, que têm

à disposição tecnologias e meios de transporte que unem povos geograficamente distantes. Esta diversidade sociocultural pode ser observada no Brasil que, ao longo de processos históricos de exploração econômica e dominação cultural, teve contato com diversos povos que hoje integram a nação brasileira.

De um mundo *multicultural* – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outro, *intercultural* e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações de trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p.17 *itálicos do original*)

É preciso lembrar que a comunicação também é um processo cultural. "A linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral" (LARAIA, 2009, p. 52). O jornalismo, portanto, está inserido neste processo cultural, pois se utiliza da linguagem humana para seu exercício profissional. Ortiz (2006) lembra que a construção de sentidos compartilhados pela nação necessita de mediadores que são os intelectuais. "São eles que descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende" (p. 140-141). Afinal, os discursos jornalísticos podem aproximar pessoas de culturas, gostos, estilos e opções sexuais diferentes mas, dependendo da construção narrativa, podem ampliar a intolerância e a repressão.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2009, p. 101)

Inúmeros são os sinais de uma mídia tendenciosa, desatenta à complexidade humana. Em artigo recente (*Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice*

*tessitura*<sup>3</sup>), discuti sobre alguns equívocos no modo de fazer jornalismo sobre temas complexos da atualidade, como questões ligadas aos movimentos sociais, à diversidade étnica, ou aos conflitos econômicos. Um destes deslizes ocorre quando o repórter se preocupa apenas com o estilo (há a tentativa de narrar cenas, destacar personagens e descrever ambientes) mas, em vez de valorizar, o texto faz julgamentos, reforça estereótipos e preconceitos, portanto, desumaniza. Ao contrário, valorizar personagens é tratar a fonte como pessoa dotada de sentimentos e pensamentos únicos, sem julgar ou estereotipar.

No entanto, há casos em que o repórter, dono de uma visão de mundo atenta às diversidades humanas, é capaz de transcender a pauta, mesmo as mais complexas. É o que se percebe nos textos de Eliane Brum, jornalista, escritora e documentarista. Repórter especial da revista *Época*, onde assina uma coluna online às segundas-feiras, iniciou sua carreira no jornal *Zero Hora* e hoje se dedica à produção de documentários. Para ela, para uma boa reportagem é preciso complicar a pauta e desordenar o olhar. O desafio do repórter, segundo ela, é buscar o extraordinário atrás do banal. Em uma de suas colunas ela deixa claro seu ponto de vista:

Nunca faz bem para a compreensão de problemas complexos dividir o mundo entre bons e maus, bandidos e mocinhos, monstros e homens. A vida fica supostamente mais simples, mas é uma simplicidade falsa, já que nada se resolve se não encaramos a humanidade daquele que nos provoca horror<sup>4</sup>. (BRUM, 2010)

No documentário *Uma história Severina*<sup>5</sup>, com direção e roteiro de Eliane Brum e da antropóloga Débora Diniz, é possível conhecer o sofrimento de Severina, gestante de anencéfalo, que não conseguiu interromper a gravidez. O curta-metragem mostra como uma mãe tem sua vida e sua vontade alterada pelas decisões dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Também demonstra como é o contato de brasileiros pobres e analfabetos com os serviços do judiciário e da medicina gratuita.

Foi a linguagem encontrada pelas autoras para tratar de um assunto polêmico, mas que precisa ser conhecido e discutido por todos. A partir da narração da própria protagonista e de seu marido, foi possível cruzar os discursos oficiais dos ministros do STF,

---

3 Trabalho originalmente apresentado ano GP Teoria do Jornalismo, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação promovido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em Recife, PE de 2 a 6 de setembro de 2010.

<sup>4</sup> Retirado do texto *Pedófilo é gente?*, de Eliane Brum, publicado no site da revista *Época* em 5 de abril de 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI131072-15230,00-PEDOFILO+E+GENTE.html>>. Acesso: 23 jan. 2012.

<sup>5</sup> Documentário disponibilizado na internet pela Produtora Imagens Livres em: <<http://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

em que expunham posicionamentos inflexíveis, denunciando um grau de desconhecimento da realidade.

A trajetória da repórter Eliane Brum, que recebeu mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, está repleta de matérias sobre temas complexos, em que é preciso se esvaziar de preconceitos para ser preenchido pelos mundos dos outros, pessoas que precisam ser ouvidas pelos jornalistas.

### 3. Narrativas jornalísticas sobre um mundo complexo

Este ensaio analisa a reportagem *Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada*<sup>6</sup>, de Eliane Brum, publicada dia 16 de janeiro de 2012 no site da revista *Época*. Para tanto, conto com recursos da análise pragmática da narrativa jornalística proposta por Motta (2010). Essa metodologia possibilita o estudo das relações humanas que produzem sentidos por meio de expressões narrativas.

Os elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador) contribuem para a análise da reportagem com atenção ao entrevistado e ao foco narrativo adotado pela repórter. Segundo Motta (2010, p. 144), a partir da análise pragmática da narrativa jornalística procura-se entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados por meio da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive pela mídia. A narrativa, dessa forma, esclarece o contexto sociocultural dos sujeitos. “A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc) em relatos” (p. 143). Entendo que a reportagem contempla um trabalho mais aprofundado de apuração, por isso, oferece uma contextualização que possibilita a análise de temas mais complexos.

Assim, a análise contou com alguns recursos apontados por Motta: *a) Identificação dos conflitos*, afinal, “a situação de uma narrativa jornalística é, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna” (Motta, p. 149). Foi exatamente o encontrado no texto de Eliane Brum, ao abordar o tema homossexualidade e *bullying*:

Esta é a história de um homem em busca de compreender a si mesmo. E de tentar, como adulto, ser diferente do menino pelo poder da narrativa. Esta história é contada aqui porque foi a nossa ignorância – a minha e também

---

<sup>6</sup> Acesso em 23 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/01/pedro-e-joao-historia-de-dois-meninos-gays-e-uma-infancia-devastada.html>>.



a sua – que destroçou a vida dessas duas crianças. E tem destroçado – às vezes em brutal literalidade, com tiros e pancadas – a vida de muitos – demais. (BRUM, 2012)

Com relação à *b) Construção de personagens jornalísticas*, foi possível observar a característica apontada por Motta: é individualizada e representa o eixo da narrativa, de forma que mobiliza a subjetividade do repórter (Motta, 2010, p. 154). Eliane Brum optou por priorizar o relato da fonte. Aliás, foi o próprio personagem que fez contato. Ele enviou o primeiro e-mail no início de dezembro, pois um amigo dele havia sido assassinado por homofóbicos, conforme relata Eliane Brum no início do texto.

De acordo com a reportagem, Pedro havia se deparado com uma campanha na internet que convidava pessoas a se unirem para executar homossexuais. “Ele tinha medo de sair de casa. Estava assustado. E também com raiva. Pedia que eu denunciasse a campanha nesta coluna”, escreve a repórter. Ela é transparente sobre os bastidores do contato com a fonte, o que para Kovach e Rosenstiel (2004) são os princípios intelectuais da ciência da reportagem: “Nunca acrescente nada que não exista; nunca engane o público; seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos; confie só no seu próprio trabalho de reportagem; e seja humilde” (p. 123).

Respondi que escrever sobre esse tipo de manifestação era amplificar uma voz de ódio. Afinal, o sonho de quem divulga algo na internet é ser acessado, replicado, comentado, seguido, citado. Em vez disso, propus a ele que me contasse a sua história para – talvez – publicá-la aqui. Contar uma história que nos aproxime é a melhor resposta que podemos dar a quem usa as palavras para aumentar as distâncias.

Desde então, iniciamos uma correspondência. Chequei a sua identidade, mas respeitei sua decisão de ocultar seu nome. Nessa narrativa real, vamos chamá-lo de Pedro. Filho único de uma família de classe média do interior de Minas, Pedro tem 28 anos, é engenheiro ambiental e hoje vive sozinho em Goiânia. Um brasileiro como tantos outros, que trabalha duro e paga seus impostos. Todo ano ele participa da parada gay, mas não é o que se poderia chamar de um militante do movimento. Em Goiânia, assume sua homossexualidade em todos os espaços – e também no trabalho. Mas preferiu se afastar da família a contar que era gay. (...). (BRUM, 2012)

Percebe-se, a partir da análise da narrativa, que as *c) Estratégias comunicativas* adotadas foram de subjetivação, com recursos linguísticos que remetem os receptores a estados de espírito catárticos, conforme elenca Motta: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, etc. “Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias

humanas” (Motta, 2010, p. 160). A opção encontrada pela repórter foi de tornar o entrevistado também o narrador de sua própria história e, ao abrir espaço para conhecer esta narrativa, se depara com outro personagem importante:

Aos poucos, ao longo da nossa troca de cartas virtuais, percebi que não se tratava apenas da história de Pedro. Mas da história de Pedro e de João. Quando era criança, o melhor amigo de Pedro era João. E era João quem não conseguia esconder dos colegas de escola que era gay. Pedro posicionou-se ao lado dos mais “fortes”, como tantos de nós a vida toda, e mais ainda na infância. Alinhou-se ao lado dos pequenos machos quando eles tornaram a vida de João um inferno humano. Tão humanamente infernal que ele acabou mudando de cidade no início do ensino médio. Como acontece ainda hoje em muitas escolas, nem professores, nem pais, nem colegas, ninguém fez gesto algum na direção de João. Todos permitiram, por ação ou omissão, que João fosse agredido, acuado, encurralado e, por fim, exilado.

Essa memória assombra Pedro até hoje. Como a maioria de nós, ele queria ter sido mais forte na infância. Não mais “forte” como os pequenos machos, tão atrapalhados com sua sexualidade que precisavam “denunciar” a do outro. Pedro queria ter sido tão forte quanto João, que ousava ser. Se tivessem sido os dois, talvez pudessem ter resistido mais. Mas, por muito tempo, Pedro mal pôde consigo mesmo. E então, quando ele já tinha sua própria vida adulta e independente, um de seus melhores amigos foi assassinado porque era. Gay. E Pedro, de novo, sentiu-se muito impotente. (BRUM, 2012)

No texto de Eliane Brum é explícito seu *d) Contrato cognitivo*, em que mantém seu espaço de ouvinte, de repórter “escutadeira” como costuma enfatizar, e demarca o ambiente de quem é ouvido, seu entrevistado. O foco narrativo escolhido, portanto, ultrapassa os espaços de narrador-narratário, comumente ocupados por jornalista-entrevistado, dando lugar, também ao entrevistado no papel de narrador. “Contar sua história talvez seja a forma encontrada por Pedro para inverter o curso dessa memória dentro de si. Pronunciar o que virou silêncio sem ser – e por assim ter sido tanto o feriu” (BRUM, 2012).

Ainda nos parágrafos iniciais do texto, a repórter acrescenta: “É espantosa a quantidade de dor que pode caber numa vida apenas por causa da ignorância. Da nossa ignorância. A história de Pedro – e também a história de Pedro e de João – é assim.”. Logo então, passa a organizar os blocos seguintes com subtítulos, deixando a narrativa tal como foi escrita pelo entrevistado. Permite que a fonte veja sua história narrada por si própria, quase que cronologicamente.

Parágrafo a parágrafo o leitor conhece episódios da vida de Pedro que talvez nem mesmo ele conseguiria ordenar daquela forma. A cada novo subtítulo, descortina-se o

desenvolvimento gradual de posturas de quem lutou para aceitar sua própria sexualidade. Permite, além disso, a interpretação imaginativa do leitor. De acordo com Motta, é a partir dela que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, “ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade, das qualidades intrínsecas, modos e estilos do texto” (MOTTA, 2010, p. 163). Ou seja, a narrativa, com tais características, traz sentidos, afinal:

Narrar é experiência cotidiana de todos, ainda que não tenhamos consciência dela: o *Homo sapiens* é o *Homo narrans*. Narrar é interatuar: espontânea ou reflexivamente, somos todos narradores em interação. Mas a narrativa jornalística é, ao contrário da narração privada e pessoal para cada um de nós, polifônica e pública, segundo estratégias de produção e comunicação que criam uma vasta rede de interações, dentro da qual se destaca o triângulo de *interações - personagens-autores-fontes*. (FONTCUBERTA e BORRAT, 2006, p. 277-278 – em tradução livre)

Entretanto, só é possível chegar a esse resultado quando o repórter coloca-se a serviço, torna-se um legítimo escutador, desprovido de preconceitos, aberto à complexidade da vida. Em outro texto, também publicado em sua coluna semanal, Eliane Brum demonstra sua responsabilidade de ouvir sem opiniões pré-formatadas:

Escutar de verdade é se entregar. É esvaziar-se para se deixar preencher pelo mundo do outro. E vice-versa. Nesta troca, aprendemos, nos transformamos, exercemos esse ato purificador da reinvenção constante. E, o melhor de tudo, alcançamos o outro. Acredite: não há nada mais extraordinário do que alcançar um outro ser humano. Se conseguirmos essa proeza em uma vida, já terá valido a pena. Escutar é fazer a intersecção dos mundos. Conectar-se ao mundo do outro com toda a generosidade do mundo que é você. (BRUM, 2009<sup>7</sup>)

Deixar-se preencher pelos diversos mundos está entre as necessidades dos jornalistas para seu exercício profissional. Ser repórter, integralmente, organicamente, é não negar que integra a realidade. E permitir-se ser, estar e sentir o mundo, para poder então reportá-lo. Aliás, narradores e narratários necessitam uns dos outros para, de algum modo, pertencerem ao universo. Precisamos do igual e do diferente para nos afirmar como sendo nós. “O Desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido” (Lévinas, 1993, p. 57). Portanto, a responsabilidade do jornalista é tamanha ao aproximar diferentes pessoas por meio da

---

<sup>7</sup> Retirado do texto *Por que as pessoas falam tanto?*, de Eliane Brum, publicado no site da revista *Época* em 21 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI94063-15230,00-POR+QUE+AS+PESSOAS+FALAM+TANTO.html>>. Acesso em: 23 jan.2012.

narrativa. Quanto menos preconceituosa, mais a relação entre aqueles distantes será de trocas, não de ódio ou discriminação.

#### 4. Apontamentos sobre solidariedade

O que separa um ser humano de outro, o que faz classificar um semelhante de forma brutal e aniquila o olhar diante do outro é chamado por Restrepo (1998) de analfabetismo afetivo, esse medo de aceitar sentir, a derrota de não aceitar a fraqueza, a negação do afeto.

Como nós seres humanos só podemos descobrir-nos nos espelhos deformantes que a cultura nos oferece, hoje podemos constatar que o pesadelo do homem-máquina, tão perseguido pelo ocidente, também serviu para ratificar de maneira profunda e certa a autêntica dimensão do humano. (RESTREPO, 1998, p. 19)

A dimensão humana não estereotipada, relatada nas narrativas jornalísticas serve como uma ponte de solidariedade para com os destinatários das mensagens, dos sentidos. “No fim das contas tudo é solidário. Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade. Além disso, você tem o senso do caráter multidimensional de toda realidade” (Morin, 2006, p. 68).

Freire (1983) já dizia que o verdadeiro compromisso é a solidariedade. No jornalismo este compromisso se traduz numa visão de mundo aberta, que aceita as complexidades humanas e as relata organicamente, sem estratificar, segmentar. Para isso é preciso negar uma perspectiva que nos acompanha desde a antiguidade, que nos fez chegar à contemporaneidade crédulos de que a construção é de parte em parte, e não da coletividade. “Pois só podemos ter a esperança de poder lutar por uma modernidade mais humana, se estivermos em solidariedade com as vítimas humanas que a própria Modernidade faz” (MOREIRA, 1993, p. 153).

#### Referências

BELTRÃO, Luiz. *Teoria e prática do Jornalismo*. Adamantina: FAI/ Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. 3ª edição. Rio de Janeiro/ Editora UFRJ, 2009.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação - A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 9ed. Tradução. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994.

DINIZ, Débora; BRUM, Eliane. Documentário *Uma vida Severina*. Brasília: ANIS - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, 2005.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. *Periódicos: Sistemas complexos, narradores em interação*. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

FREIRE, Paulo. *O Compromisso do profissional com a sociedade*. In Educação e mudança. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses: Ensaio de Teoria do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24.ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 1993.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

MOREIRA, Alberto. O projeto do humano na modernidade in: *Do hemisfério Sol – Novo pacto da ciência – 2*, MEDINA, C. e GRECO, M. (org). São Paulo: ECA/CJE/CNPq, 1993.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise pragmática da narrativa jornalística* in LAGO, C. e BENETTI, M. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro (Org). *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia: Perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo – Vol. 1 – Porque as notícias são como são*. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

## Reportagens

BRUM, Eliane. *Pedófilo é gente?*. Site da revista *Época*, São Paulo. Publicada em 5 de abril de 2010. Acesso em 23 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI131072-15230,00-PEDOFILO+E+GENTE.html>>.

\_\_\_\_\_. *Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada*. Site da revista *Época*, São Paulo. Publicada em 16 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/01/pedro-e-joao-historia-de-dois-meninos-gays-e-uma-infancia-devastada.html>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. *Por que as pessoas falam tanto?*. Site da revista *Época*. Publicada em 21 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI94063-15230,00-POR+QUE+AS+PESSOAS+FALAM+TANTO.html>>. Acesso em: 23 jan. 2012.